

VANDERLINO PEREIRA PINHEIRO: a gente, fazendo trabalhos de conscientização das comunidades de questão de base, a gente convivia com situações por não ter conhecimento até da reação. Porque o domínio nas pequenas cidades. O delegado era aquele que era indicado. O indicado era o prefeito, que era indicado, e depois vinha o delegado, que era indicado, da cidade dele. Então, quando você tinha uma, qualquer reação de um trabalhador no campo, naquelas fazendas, quem ia lá fazer a reunião? Fazer uma repressão psicológica? Era o delegado. Então isso a gente conviveu. A gente fazendo trabalho comunitário com essa realidade. Até agradeço à Fernanda pela oportunidade de estar aqui. E a gente falou, em 85, que isso foi agora, 85, a gente ainda acompanhava nas comunidades, fazendo trabalho, vendo trabalhador apanhar do patrão. Que isso estava muito longe. Eu falei, isso é tempo lá, tempo dos escravos, mas isso aconteceu. Então e acontecia em muitas cidades. Então a partir do nosso trabalho, que é um pouco diferente de alguns depoimentos que a gente viu, a gente começou conviver que a nossa ação da nossa fé, aquele trabalho que a gente fazia de formação, ele tinha que fazer a libertação de alguém. E a libertação que nós tinha que fazer era defender aquelas pessoas que não recebiam um salário mínimo, não tinham direito a voz, não recebiam uma férias, não recebiam um 13º, no final do tempo trabalhava dois dias na semana de graça para o patrão, falando que estava dando saúde para ele. E ele trabalhava lá. Quando o final do tempo, ele matava a vaca ou o boi, ele dava a ossada para eles comer, fazer a sopa e ele comia a carne. Então essa é a realidade. Então, assim, vivemos uma realidade. Então aí nós pensamos assim: "Vamos fazer uma ação prática?" E aí aqui tem pessoas. Eu estou vendo ali a Suzana, que poxa, foi lá com a gente naquele período, Marília, que está ali, foi advogada nossa um bom período para a frente. E a gente criou o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Que tinha o sindicato do patrão. E tinha o sindicato em algumas cidades da zona da mata, mas criados em um estilo pelego talvez para acobertar aquilo que o patrão fazia de repressão nos trabalhadores. Então nós começamos. Criamos primeiro sindicato em Tombos, criamos em Muriaé, aí fomos: Miradouro, Vieiras, Divino, Espera Feliz e fomos criando um bloco. Então a partir dali o quê que era a nossa grande ação? Defender os trabalhadores que não tinha vez, não tinha voz, não poderia falar. E porque estava distante, distante do conhecimento até para reagir. E a partir dali nós começamos a ser perseguidos. Muitas ameaças mesmo, muito, vendo muitos produtores e quem tinha, trabalhava na fazenda sendo despejado nas propriedades. E nós aí começamos. Miradouro foi a primeira cidade. Então o presidente do sindicato de Miradouro, ele não mora lá. Ele nunca mais foi. Em 87, 88, ele foi ameaçado de morte e foi naquela grande pico da UDR no campo e é uma grande força que lutava contra os trabalhadores. E nós até assim olhamos. Eu vejo a Suzana, a primeira coisa que eu vi

ali ela ali, eu falei com ela. Um dia nós para nós percebemos o quê que tramavam contra a gente. A Suzana vestiu como fosse uma grande fazendeira e entrou dentro da reunião da UDR lá em E para a gente saber de fato quem estava montando. Porque todo dia "vai matar vocês, vai dar tiro." E ali começou a dar tiro na gente na estrada. Por sorte ou nós era muito bom ou muito ruim que não matou nenhum, né? Então a gente viveu um bom período na década de 86, 87 a 88, um período de muita repressão no meio rural. E a partir dali que a gente foi. Quando nós fizemos uma outra ação mais forte, que, para os poderosos, para as pessoas que dominam o poder, incomoda é quando aqueles trabalhadores rurais, que ainda votavam onde o patrão mandava, nós resolvemos engajar no partido político também. Aí que a coisa piorou. Aí a repressão foi muito grande na região toda onde a gente trabalhava, que era tudo sindicato de pequenas cidades. E Tombos. Aí eles começou. Três vezes eles tentaram fazer uma emboscada de carro para me matar. E aí foi eu, que era a vítima, eu era o presidente do sindicato na atualidade. Fui de fundador em 84 e saí em 92, quando elegi vereador. Então naquele período a gente teve um sofrimento muito grande, muito difícil. A família sofreu, os filhos sofriam na escola. E nós abraçamos a luta de fazer a defesa de fato dos trabalhadores. É o que nós fizemos lá no meio rural. E a tristeza maior para nós, que faziam os bailes de formação, que qualquer pessoa que tinha um pedacinho de terra, não dava para ele e a família dele comer, ele era a cabeça do patrão, porque era a formação que tinha, né? Então, assim, naquela época, eu falo assim, morria trabalhadores? Não dava para saber. A mesma coisa falando da atualidade hoje. Quando você vê uma pessoa jogando veneno para todo lado, matando a terra, matando os bichos, matando o ser humano, quando ele chega no hospital, qual o laudo que o médico dá? Aí é infarto, é ataque cardíaco, é um problema renal, mas nunca falam que o veneno matou. A mesma coisa. Muita morte pode ter acontecido no meio rural que nunca detectou que foi uma ameaça, uma perseguição. Alguma nós consegue saber. E é, quando eu vim para lá, eu tive o depoimento de um vizinho, que foi morto pelo, mandado pelo administrador. Então, assim, muita coisa aconteceu. Então, quando foi em, a partir de 87, 88, quando as ameaças apertou muito, então a gente. Tombos tiramos uma ação de fazer uma ação diferente, porque não dava para todo mundo ir embora. O presidente do sindicato, que lutava pelos direitos dos trabalhadores, fosse embora e deixasse a classe para lá. Então a gente fez um ato. Fizemos um ato e entregamos a todas as autoridades. Todas as vezes que nós tivemos emboscada de ameaça de morte, nós ia no fórum e fazia, na delegacia e fazia um registro. Nunca foi um inquérito para frente. Nunca foi. Porque nas pequenas cidades quem domina... Infelizmente o poder político falava e, se tomar cuidado, ainda fala até hoje muito forte no Poder Judiciário. Então o que aconteceu? A gente fez um ato com

várias lideranças, fizemos documentação e entregamos todas as autoridades municipal. Fizemos uma coletiva em Belo Horizonte. Na época foi uma pessoa que a gente tem uma admiração. Foi um deputado estadual que deu um apoio para a gente, chama Raúl Messias. A gente tem muita saudades porque as pessoas que contribuiu naqueles momentos difícil da vida da gente, a gente já acha que ele não é importante. E outra pessoa que contribuiu foi Paulo Delgado, que deputado federal aqui de Juiz de Fora também, que depois deu muito apoio para a gente mais no final. Então fizemos aquela ação. O quê que aconteceu? Mandamos o documento para Brasília. Aí chegou. Aí, por exemplo, aquele que me ameaçava, que falava que matava e de fato fez várias tentativas de morte, eu fiquei 60 dias na mão da Polícia Federal. Fiquei. Praticamente a minha família que sofreu, porque eu não podia ir em casa, não podia sair da cidade, não podia ir em lugar nenhum. Lugar que eu ia era a coisa mais constrangedora do mundo é você não ter liberdade para falar em lugar nenhum. Mas foi um bem de qualquer forma o que aconteceu, que a partir dessa década que aconteceu, que foi final de 80. Então isso mais a perseguição, a cidade assustou, porque para as pessoas que dominavam o poder, uma pessoa do campo, ele era uma pessoa que não tinha força nenhuma, ele não existia, ele não tinha voz para nada. Quando nós tivemos o poder de fazer uma mobilização para que a Polícia Federal viesse, então a região acalmou, toda as pressões a partir de 92. Então, a gente assim, esse é um pequeno depoimento que eu tenho da realidade. Eu não gosto muito de tocar nesse assunto. Eu gosto muito de falar da coisa boa que nós fizemos, daquelas ações bonitas, né? Então acho que quando eu falo as três coisas que marcou minha vida, que para mim eu não abro mão dela, primeiro é participar das comunidades, que gerou consciência. Foi uma ação muito forte na região e acho que em vários setores, que foi a igreja, a partir da SEBES. A outra coisa é participar dos movimentos sociais, que é o sindicato onde que defende de fato aquele que precisa ser defendido, porque, quando eu ia no fórum na década de 84, 82, 84, mais ou menos, 82, 84, a maioria das fazendas, os trabalhadores foram expulsos, a fazenda que tinha 100, 200 pessoas. O advogado do patrão é o mesmo advogado do trabalhador. Quando nós criamos o sindicato, foi uma ameaça. Então aí nós tivemos a reação muito forte, que tentou na tentativa de morte. Então fiquei 60 dias na mão da Polícia Federal. Para mim foi uma experiência de vida muito, assim, muito ruim, muito difícil que eu passei naquele momento, mas depois tive, assim, a recompensa que pelo menos depois disso aí o pastor tem um pouco de respeito pelas pessoas da gente. Então a gente viveu esse período. Quando foi, eu elegi vereador, a primeira ação que eu tive lá na Câmara, quando chegou o orçamento na câmara, que o aluguel do juiz, do promotor, do delegado era pago pelo, a coisa, eu peguei o Estatuto do Funcionário Público, e entrei e fiz uma emenda e fiz a retirada da coisa. Daí

eu tive uma busca e apreensão dentro do sindicato. Que aí tem um advogado que foi lá, que a Marília está ali, que fizeram uma baderna no sindicato como repressão. Então assim. Nós temos que ter cuidado, num curso que eu fiz de história mineira, que a gente tem pensar o passado para não voltar a cair no futuro. Então acho que a gente, quando a gente fala de tudo isso que aconteceu, mesmo eu já pegando mais no final, não foi como vocês, que pegaram aquele pico da ditadura, que foi muito pior que depois, a gente corre risco de forma despistada, ela aparecer em todo momento na nossa vida. E a gente tem que ter cuidado, e abrir o olhos e pensar que isso ela não vem daquela forma, mas ela vem de outras formas. A mesma coisa de pensar que não tem exploração no campo. Ela não é daquela forma que era. A gente conhecia quem era o nosso adversário, quem era o nosso perseguidor e hoje o perseguidor às vezes está dentro da casa da gente. Falo da casa da gente, é dentro da instituição que a gente participa. E de forma, falando a nossa língua. E nós temos que lutar para não voltar nisso que nós vimos de depoimento aqui e o que a gente passou em alguns momentos na vida. Muito obrigado.

ROBSON SÁVIO: Muito obrigado ao Vanderlino Pereira Pinheiro. E uma das, digamos, ações que a Comissão da Verdade aqui em Minas Gerais está envidando muitos esforços é que nós somos um município com, um estado com 853 municípios. E, por uma série de circunstâncias, a narrativa sobre esse período, principalmente da ditadura militar, sempre foi uma narrativa muito urbana, voltada pelos movimentos urbanos, os atores também principais sempre foram urbanos. E o que nós percebemos é que houve muita coisa no campo, nas cidades pequenas, no campo, no interior, não somente a ação de agentes públicos, que faziam parte do sistema mais amplo mas inclusive também agências do Estado, agências públicas que provocaram uma série de violações aos direitos do trabalhador. Então um dos avanços que a nossa comissão, eu acho, poderá fazer em relação a outras comissões da verdade é também mostrar que esse período, principalmente da ditadura, ao contrário de um certo senso comum, não foi circunscrito somente nas grandes cidades, ele teve também no campo, nas regiões periféricas, ações de muita violência, de violação aos direitos humanos. Então o depoimento aqui do Vanderli vem nos comprovar um pouco isso daí. Eu gostaria de registrar e agradecer a presença do professor René Matos, ex-reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora, que se encontra presente. Muito obrigado. Com ele também existem alguns outros professores da universidade aqui. Se puderem levantar para a gente fazer um agradecimento. Estão presentes. Muito obrigado. E gostaria também de agradecer a presença do João Bosco, que é servidor da Auditoria Militar, o João Bosco. E que a Auditoria Militar é parceira nossa, inclusive em relação às documentações, não é

isso, João Bosco? Tá. Muito obrigado pela presença. Bom, agora eu quero convidar o casal José Luiz e a Nair Guedes para prestar os seus depoimentos. Aí fica à vontade quem vai ser o primeiro, porque fica a critério de vocês. O José Luiz? Por favor.

JOSÉ LUIZ: Eu não olhei as horas, mas eu acho que eu devo dar pelo tempo que passou para a minha mente, para os meus sentimentos, eu já devo dar boa-tarde não é? Porque foi uma das sessões mais ricas que eu participei. Mais rica do que as sessões que eu vivi no tempo da luta contra a ditadura, na clandestinidade, no movimento estudantil, na primeira fase, que vai exatamente ao Congresso de Ibiúna. Como diz o Ricardo, foi o mais desorganizado dos nossos congressos e o mais famoso porque foi o mais trágico. De tudo que eu passei e que a Nair passou no movimento estudantil, depois, na clandestinidade, quando nós mudamos de classe e eu continuo na classe para aonde fui, que é a classe trabalhadora, me identifico muito com as visões de mundo que eu estou podendo ouvir aqui. E aprendi como nunca. Eu vivi o movimento operário depois da minha prisão de Ibiúna. Não é? Quando eu fui para Ibiúna, eu participo da UNE desde 65. Eu fui para o calabouço na primeira reunião de reorganização da UNE. Antes da eleição da primeira diretoria do Congresso do Largo São Francisco, em São Paulo, quando o Ademar de Barros era o governador e utilizando as contradições que haviam entre o Governo do Estado com a ditadura, com o Governo Federal, podemos afirmar, não era com a ditadura propriamente. Tanto Minas como São Paulo vivia um processo de contradições. O Israel Pinheiro, eleito governador e o Mário está aqui e outros importantes. Então o primeiro congresso em 65 foi lá. De lá nasceu o meu primeiro filho. Eu fui tendo um filho para o congresso. Eu casei, eu e Nair nos casamos no Congresso de 66, nos porões da Igreja de São Francisco, com a cidade de Belo Horizonte totalmente ocupada. Eu e Nair fomos para o congresso e para o nosso casamento nos porões. Nós fomos para o congresso em um carro da organização das famílias. Os delegados ficaram hospedados na casa dos familiares de Belo Horizonte que nos apoiavam desde a grande repressão, que foi a ida do Castelo Branco tentando nos impor o diálogo, diálogo imposto. Nós nos recusamos. E o momento da chegada do Castelo foi um dos momentos que mais me marcou. O Beto da Polop, da Faculdade de Ciências Econômicas de Belo Horizonte, da UFMG, e eu estávamos no primeiro grupo. E assim dezenas de grupos, porque era uma repressão brutal na antiga Assembleia Legislativa de Belo Horizonte, na Rua Tamoios, antes de chegar na Amazonas. Quando Castelo surgiu lá no alto da Amazonas, um companheiro que estava no alto de um edifício comunicou com o primeiro grupo através de um sinal a chegada do Castelo. Eu ainda não sei por que o Castelo veio de lá do lado de Contagem, não sei como que é que ele

chegou, se foi de helicóptero. Então nesse momento, o primeiro grupo, de três pessoas e a distância entre os grupos era o suficiente para ver o outro grupo, mas era, aliás, é para ver e suficiente para que ninguém nos identificasse como tendo algum elo. Muito menos o companheiro que estava lá no alto do edifício, que era o Mário. Então aí o Beto. Todos tinham os cartazes dobrados em forma de sanfona no bolso de trás. Para que também não fossem percebidos. Nós começamos a andar. E, quando começamos a andar, o segundo grupo começou a andar devagar também para não ser percebido. Quando o Castelo desceu na Assembleia Legislativa, que foi o primeiro compromisso dele, nós estávamos na frente com os cartazes denunciando os crimes da ditadura, a repressão e esse estado de exacerbação do que existe no Brasil desde a colonização. Que existe em todo o mundo, na sociedade de classes. Os trabalhadores são torturados desde o início desse país. Os trabalhadores são presos políticos. Os ex-escravos são presos políticos e continuam sendo. Nós denunciávamos esses crimes todos nos cartazes. Evidente. Ainda era 66, primeiro semestre, não é? A imprensa presente ainda tinha um mínimo de oportunidade de denunciar, fotografando. E foi um acontecimento importantíssimo. E a partir daí a repressão em Belo Horizonte porque o congresso estava marcado. Eu tinha sido eleito presidente da UEE da seguinte forma. O congresso da UEE, da qual eu seria eleito, foi no Teatro Francisco Nunes. Eu não gosto de tratar muito do que eu sofri com a perda dos meus pais, do meu filho, sobretudo com a prisão da Nair. Que teria desestruturado toda a nossa resistência, muito mais grave do que tudo que aconteceu conosco. Eu vou falar sobre isso. Então eu e Nair estávamos passando de carro pela região central de Belo Horizonte. Era uma coisa impressionante. Tinha casamatas. Era uma organização de guerra. Mas nós conseguimos. Nós organizamos um pseudo congresso no Convento dos Dominicanos, no alto da Serra. A repressão invadiu o Convento dos Dominicanos. Enquanto ela invadiu o Convento dos Dominicanos, a UEE, mas eu esqueci de falar uma coisa. O congresso, que seria no Teatro Francisco Nunes, no Parque Municipal de Belo Horizonte, sofreu atentados a ácido. A irmã do César Augusto, que agora eu não estou lembrando o nome, saiu desfigurada. Evidente. Nós interrompemos o congresso. Logo depois de definir: faremos a eleição direta. O que foi escolhido foi uma comissão para presidir as eleições diretas. A UEE já tinha sido reorganizada. O presidente era o Luiz Carlos, um companheiro da Faculdade de Engenharia. Então com esses dois fatos, nós fizemos uma eleição direta belíssima. Eu nunca conheci tão bem a universidade, nem os anos que eu estudei na UFMG. Eu passei de sala em sala com a Nair. Aí começou o nosso casamento, né, o namoro. Nós viajamos o estado todo em uma Vemaguete. Eu e Nair escolhíamos sempre o bagageiro não é? A gente ficava ali. O namoro era muito bom. Ali concretamente começou a nascer a Maíra. Então eu participei de tudo. Fiquei inclusive

conhecendo a família da Nair, os pais, lá em Araguari, no Triângulo. Foi muito bom, companheiros. A repressão foi muito ruim, mas o que nós fizemos é que nos deu a vitória, porque o que nós fizemos foi plantado dentro de nós. A mudança de classe foi consolidada. Aqui tinha começado no movimento estudantil. A festa de final de ano era precedida de visita a todos os operários da cidade, convidando para essa festa na Rua Sampaio, da frente da Ação Católica na Rua Sampaio. José Luiz sabe. Entende? Então nós nos tornamos operários ali. Mas se consolidou com esses novos enfrentamentos. Companheiros, foi em Trombas do Formoso, como camponês, depois de fugir da prisão de Ibiúna, foi em Trombas do Formoso que eu me tornei realmente um trabalhador. Um trabalhador rural. Nós estávamos dentro das terras libertadas pela luta do José Porfírio, um maranhense que desceu com a experiência dele de candiar boi, desceu candiando boi para Goiás, para o norte de Goiás, no Município de Água Branca, Distrito de Trombas, Trombas do Rio Formoso, afluente do Tocantins. Lá eu vivi com a Nair, com essas pessoas. Aprendi uma coisa com as mulheres. Dona Leonília e Dona Joaquina, onde moramos, na beira do Trombas, com a Associação do Trombas. Porque lá era libertado. Tinha havido luta armada. O Porfírio venceu a polícia do Mauro Borges, governador do estado se eu não estou me confundindo. Posso estar confundindo quanto ao nome. Mas não é, não. É isso mesmo. Mauro Borges. Quem é de Goiás pode me dizer. Mas é Mauro Borges. Venceu. Pôs para fora. Lá quem comandava éramos nós. Eu estava saído da prisão. Eu não podia ficar em São Paulo. Eu fugi da prisão em Atibaia, aqui na divisa de São Paulo com o Estado de Minas. Eu tinha combinado com a Nair como eu tinha feito na anterior. "Nair, eu vou para o Congresso de Ibiúna. Aí eu seria preso." Não é, Ricardo? Nós tínhamos certeza que seríamos presos. Exatamente. Você. A família do Ricardo não nos ajudou só a dar fuga nesse momento. Aí no caso foi o Ricardo. Um irmão dele me tirou do país. Não sei se você sabe disso. Você sabe, né? Porque na época nem todo mundo ficava sabendo dos fatos. Eu e Nair saímos do Brasil não com o Roberto, pessoa física e jurídica, mas com o nome dele. Eu cheguei no exílio caminhando para chegar no Uruguai. Fomos a pé. Meus pais levaram meus filhos e ficaram marcados para sempre. Porque o exílio não foi essa beleza. Lá morreu Ângelo Pezzuti, filho da Carmela. O Ângelo foi meu colega na faculdade de Medicina. Então, terminando essa fase, porque o que importa é a reflexão que a gente precisa fazer, porque os tempos não são diferentes. A escravidão continua. Continua. A escravidão e a exploração dos trabalhadores rurais do mesmo jeito. Lá em Trombas a gente viveu em uma terra libertada. Olha que benção. Em 1968, nós vivíamos em uma terra libertada, onde o AI-5 não entrava. Melhor do que todas as guerrilhas, a guerrilha do José Porfírio, antes de 64. O Brasil foi sempre assim. Nunca mudou. Nós estamos tentando mudar agora e não está sendo fácil. Mas

nós vamos continuar, todos nós, até à morte. Nós não temos medo de morrer. Nós temos a certeza da morte. Nós temos oportunidade de adquirir a sabedoria da vida, que é muito mais do que o saber. O saber, você aprende com os mestres e livros, a sabedoria, como a sabedoria do camarada, você aprende, você adquire na vida. Na vida. Com essa sabedoria, nós vamos transformar o mundo. Nós transformamos alguma coisa. A gente fala: "Derrotamos a ditadura." Realmente. Mas nós precisamos derrotar a ditadura de classe. Estudem os presídios. É o melhor caminho para você entender o mundo não é? Estudar os presídios. Nós graças a Deus fomos presidiários. A Nair foi presidiária. Em Trombas, ela foi professora. A nossa casa era uma escola. Nós construímos uma escola. Eu trabalhava na roça, cultivando arroz e a Nair cultivava o saber daquela população ali. Era um conselho de córrego por cada córrego, que era um governo ali. Naquele córrego, no Trombas era assim. Eu morei também no Onça, eu morei no Capivara. Todos os nomes vêm da natureza. E nós vivíamos ali como a natureza. Ali os cereais eram orgânicos, as frutas eram orgânicas, como o meu filho está podendo aprender, de 13 anos, o nosso caçula, na escola onde moramos. Continua morando hoje, ensinando para o Vitor Luiz, com 13 anos, o que nós aprendemos para o trajeto dele até a sabedoria ser mais curto do que foi o nosso. Estou sendo pretensioso em dizer que tenho sabedoria, não, a única certeza é que vocês têm a sabedoria. Os trabalhadores, o povo pobre, os presidiários do Brasil inteiro, eles têm a sabedoria. E o que a Comissão da Verdade está fazendo é resgatar não só os sofrimentos, mas essa sabedoria, que é a ferramenta para transformar tudo isso. Mas aí eu termino com esse fato. Eu fui homem de rua. Já tinha sido camponês. Por quê? Porque a Nair foi presa junto com os seminaristas do Noel de Câmara, não como Nair, mas como Norma. Ela já tinha sido operária fabril na linha de produção da fábrica da Philco, em São Paulo, na Penha. Nós morávamos no Cangaíba, que é um bairro depois, bairro operário. E a Nair foi presa em Recife porque estava defendendo dois presos políticos sendo torturados: o Elenaldo e o Luiz Medeiros. O Luiz Medeiros foi torturado junto com a Nair, não suportou, saltou de um terceiro andar, de onde ele estava sendo. Se tornou tetraplégico. Graças a Deus eu pude encontrar o Luiz muito tempo depois, quando morava em Brasília, o Luiz chegou na cadeira de rodas, entende? Lindo, maravilhoso, fora do comum. Escreveu um livro com a boca. Ele tinha um equipamentozinho de sucção, que ele passava as folhas. Ele chegou na nossa casa, na cadeira de roda, em alta velocidade, aquele sucesso, povoou a minha casa. Mas a Nair dentro do presídio viveu o momento mais difícil da vida dela: ver o Elenaldo na luta pela sua liberdade e pela fuga. Um preso não pode se conformar atrás das grades, ele tem que lutar, como nós fizemos no congresso da UNE na prisão e depois, como o Ricardo descreveu, em vários lugares, milhares de lugares no



país, pequenos grupos. Aqui em Juiz de Fora, o Ricardo deve lembrar, em uma Kombi que era do meu pai, na Serra de Salvaterra, o Beбето. Então e na prisão começou. Cada cela era uma comissão do congresso da UNE. Exatamente. E greve de fome. O período, não podemos descartar que muita coisa aconteceu lá no Sítio de Ibiúna, mas a continuidade foi na prisão. Cada cela era uma coisa, em greve de fome. O pessoal disse que eu era igual a um macaco nas grades. Eu nunca me conformei com a prisão. Era um impulso para transformar, para arrebentar aquelas grades, que não me prendiam, que prendem a classe trabalhadora. Olha, eu ia falar sobre a Nair, mas depois ela fala. Fiquem com Deus. Um grande beijo. Um grande abraço. Vocês estão vendo, eu fico beijando todo mundo. O pessoal falava, mesmo na prisão, que eu era beijeiro. Então está bom. Fica com Deus.

ROBSON SÁVIO: MUITÍSSIMO obrigado, José Luiz Guedes, pelo depoimento. Muito obrigado. Antes de chamar a Dona Nair Guedes, eu quero aqui fazer dois registros. O primeiro é fazer uma referência ao Paulo Vanderlei Tavares Bittar, presidente do Sindicato dos Servidores Públicos, caçado em 1980, que ele estará em uma oitiva da Subcomissão 3, que trata da questão dos trabalhadores urbanos tá? E nós vamos fazer o seguinte. Eu tinha feito uma referência que a gente permitiria algumas falas. Geralmente as audiências públicas da COVEMG para a gente ouvir os depoimentos, mas sempre há algumas pessoas que pedem para fazer alguma consideração. Então nós vamos conceder depois das considerações da Dona Nair que dois grupos de até cinco pessoas possam falar por no máximo três minutos cada um, não mais do que isso, porque nós já estamos com o nosso tempo esgotado de audiência. Existe o pessoal ali na mesa, não é isso? Que eles vão pegar o nome da pessoa e me passar a informação. Então nós vamos fazer duas sessões de até cinco pessoas, não mais do que isso, infelizmente não é possível, que terá cada pessoa no máximo três minutos para alguma consideração. Eu passo de imediato para a Dona Nair Guedes para as suas considerações. A senhora quer falar daqui de baixo?

NAIR GUEDES: Já é meio-dia? Já? Então boa tarde a todos e todas aqui presentes. Professores, alunos de várias escolas, alunos da universidade, companheiros que eu há muito não via que aqui estão presentes. José Luiz Guedes, meu companheiro de mais de 50 anos, como ele já falou. Contou até uns detalhes, assim. Nessa época de juventude sabe não é? Todo mundo aqui já sabe. Então. Casei grávida. Então essa coisa. Graças a Deus. O senhor me perguntou se eu queria falar aqui de baixo, eu falei que não. E aí eu queria dizer por que também. Eu tive muita

honra, muito alegria de por 02 anos ser vereadora nessa casa depois que o Biel foi eleito deputado estadual. Então eu me sentava aqui nessa bancada, eram todos os lugares eram ocupados por homens, só eu de mulher. Então para mim foi uma experiência riquíssima, muito interessante. As pessoas falavam assim: "Puxa! Mas você fala bem, você é articulada." Muita gente não me conhecia, não conhecia a minha história, até porque eu não sou juizforana, eu sou lá do interior, sou de Araguari. E por coincidência da história de cada um, da minha biografia e do José Luiz, a história dele e a minha é muito parecida: movimentos secundaristas, movimento estudantil, Juventude Estudantil Católica, Universitária Católica. Então assim. Quando a gente se encontrou em Belo Horizonte realmente o casamento se deu na festa do serviço social. E de lá nós estamos juntos até hoje. Então eu queria saudar sobretudo os jovens que estão aqui hoje, os jovens e as jovens. E eu tenho cada vez mais a convicção de que os jovens e as jovens vão, já estão na luta para continuar na luta pela democracia. E penso que, assim como o senhor falava da SEBES não é? Nós temos que voltar com firmeza para as bases. Fazer trabalho mesmo, sério. E aí eu acho que essa Comissão da Verdade está fazendo um trabalho magnífico. Quero parabenizar todos vocês pela garra, pela disposição, por ir atrás da gente para a gente falar, porque às vezes a pessoa fica assim meio: "Ah, não. Mas eu já falei tanto." Não, toda vez que convidarem a gente vem, a gente vai falar. E eu não queria falar muito sobre a minha experiência. O José Luiz já referiu uma prisão, a prisão que eu tive. A única prisão que eu tive foi em Recife. Porque, como nós não podíamos mais ficar aqui no Sul, que a gente já estava super, hiper conhecidos. O José Luiz com a liderança dele na UNE e eu estava também no movimento estudantil, depois no movimento operário e tal. Então fomos para Recife. Fomos para Recife e lá então encontramos essa realidade dos camaradas sendo presos, torturados. Saímos então à noite para fazer uma panfletagem denunciando a tortura e pedindo o justicamento do maior torturador do Recife, que era o Miranda. Então infelizmente um cara lá, um policial viu o panfleto, correu atrás da gente e eu fui presa. E nesse momento o meu nome era Norma. Porque era assim que eu me identificava do tempo de operária na Philco: Norma. Bom, então fui presa como Norma. Mais grave: eu estava grávida. Grávida da Gilse, a minha terceira filha. Então é aquele medo meu que eles soubessem da gravidez e na tortura eu perdesse minha filha. Então é claro que a primeira coisa que eles faziam era pressionar e dizer que eu falasse o quê que eu estava fazendo e o nome das pessoas. Eles queriam nomes, porque era o que eles queriam que a gente denunciasse. Mas eu construí uma história na minha cabeça, que eu falei assim: "Eu não sei de nada. Não aconteceu nada. Isso aqui eu vim aqui porque eu vim atrás do meu amante. Aí eu estava desesperada lá no Sul e vim atrás do meu amante. Não conhecia a cidade. Então é isso

que aconteceu. Eu estava andando pela rua." E assim eu fiquei o tempo todo. E a pressão psicológica era muito forte. Até um dia que eu falei: "Bom, eu tenho que dar um jeito de fazer com que a minha família." O José Luiz já estava sabendo que eu estava presa porque os companheiros já tinham falado com ele. Ele estava lá na zona da mata fazendo também trabalho político, Canavieira. E a nossa filha, Maíra, que tinha dois anos e é professora aqui da universidade, professora de línguas, de francês, ela ficou. Eu tive que sair e deixei os companheiros. Ela ficou lá em uma. Quando o José Luiz chegou, ela estava em uma mercearia e o pessoal tomando conta dela. Aí não podia voltar para casa, não podia ir para a casa de ninguém. Então teve que ir para a rua. Então ele brinca até hoje que a Maíra foi menina de rua e ele foi homem de rua. E realmente foram. Eles comiam pedindo pão na padaria de manhãzinha. Até que a família soube. Lá em articulação com o advogado, o meu irmão, José Barbosa, que era e foi sempre meu mentor político e meu segundo pai. A família do José Luiz, a quem eu sou muito grata, à família Guedes, daqui de Juiz de Fora, que sempre me acolheu, acolheu a luta, que sempre estiveram conosco. E também a minha família. Nós éramos muitas famílias. As famílias se uniam para nos ajudar. E nós não abríamos mão de termos uma família. Tinha gente que achava que a gente era meio louco de ter filho. Realmente não foi fácil ter filho na clandestinidade, depois no exílio. Não foi fácil. Mas a gente tinha aquele sentimento de ter os filhos conosco, não é? Aquele sentimento de maternidade, de paternidade. Então eu fui e cheguei para o cara lá, o torturador e falei: "Ó, eu tenho uma declaração para falar para o senhor, uma história para contar." Aí ele foi e falou lá para o pessoal das câmaras de tortura: "Ó, a moça vai falar. Pode suspender aí." Então o que eu falei para ele foi assim. Eu disse: "Olha, doutor. Como eu falei, eu não, eu vim aqui atrás desse meu amante. Então meu nome não é Norma. O meu nome é Nair do Rosário Barbosa", que era o meu nome de solteira. Não falei nada de Guedes, nem de onde eu vim, nem nada. Então aí, com os trabalhos todos que foram feitos, o meu irmão, que chegou do Rio, que era jornalista lá do Roberto Marinho, quando ele chegou, que ele deu nome, o cara olhou e falou assim: "Agora o senhor que vai ficar preso." Porque ele era comunista também, né? Era. Dos comunistas do Roberto Marinho. Ele acionou, ele deve ter acionado lá o Roberto Marinho. Mas não aconteceu nada com ele. E aí, e estava com a minha filha, a Maíra. Então, assim, houve um impacto também emocional naquele momento. E aí afinal de contas eu consegui, eles conseguiram me soltar. Aí depois de um tempo, claro, eles descobriram quem eu era, a minha ligação política, minha ligação com o José Luiz. Aí eu fui condenada à revelia, a quatro anos. Aí claro que aí a clandestinidade teve que ser muito mais rigorosa. Aí nós tivemos que passar por Natal, enfim, pelo Nordeste inteiro. A Gilse, minha filha, nasceu em Maceió, ela é

alagoana. Parto difícil, porque na clandestinidade não era fácil. Mas graças a Deus. Eu tive muito medo de perder a Gilse porque eu já tinha perdido, porque nós já tínhamos perdido o Luiz Francisco, que foi o nosso filho que faleceu e muito em consequência do tempo que eu fui operária, cheirava solda, aquela coisa toda, então ele nasceu com muitos problemas de saúde. E o José Luiz e eu não pudemos cuidar dele, nós não tínhamos condição. Quem cuidou foram os pais do José Luiz aqui em Juiz de Fora. Ele faleceu aqui em 1969. Então a nossa vida foi assim, foi difícil. Mas, assim, nós. O quê que a gente fazia? Todo lugar que a gente chegavam, eu sempre tive um princípio seguinte. Todo o lugar que a gente chegava, então: "Está bom. Estamos aqui. Então vamos fazer o que for possível aqui." Então a gente chegava, ficava conhecendo as pessoas, conversava. O José Luiz gostava muito. Botava um passarinho na janela. A gente tinha que despistar. Até a nossa linguagem a gente tinha que modificar, porque senão a gente dava na cara que nós não éramos nordestinos, não é? Mas era difícil. Então essa foi a nossa vida. E evidentemente que nós aprendemos muito. Aprendi muito com as operárias, aprendi muito como as operárias são tratadas e sofrem violência permanente, assédio dos patrões, aquela história de que elas tem que mostrar para ver se está grávida ou não, o modess de vez em quando. Então tudo isso eu vivenciei. Não foi por muito tempo porque aí gente, com essa questão aí de Ibiúnas e que a gente foi lá para Trombas não é? Daí eu fui trabalhar como professora e viver lá com as operárias, com as camponesas e essas camponesas.